

**FILOSOFIA E LITERATURA:
a condição humana no conto “O avesso e o direito” de Albert Camus**

Ayanne Larissa Almeida de Souza

Mestranda em Literatura e Hermenêutica pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba.
ayannealmeidasouza@hotmail.com

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Doutora em Literatura e Estudos Culturais, professora do curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada
socorroalmeidalettras@gmail.com

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar uma análise filosófico-literária do conto *O Avesso e o Direito*, de Albert Camus, mostrando a relação entre o encontro com o absurdo e a aspiração ao vazio. Através dos dois principais ensaios do filósofo, *O mito de Sísifo* e *O Homem revoltado*, explicitamos a ligação entre aceitar o absurdo existencial, mas sem resignar-se a ele, e o viver em um constante estado de revolta, a revolta metafísica que derruba o trono de Deus e dá ao homem as ferramentas para que possa criar sua própria ordem. Com os aportes de Alain Robbe-Grillet, sobre a corrente do Nouveau Roman e Theodor Adorno, quanto à personagem no romance moderno, buscamos apresentar a condição humana na visão camusiana através do conto em questão.

Palavras-chave: Albert Camus. Filosofia do Absurdo. Nouveau Roman.

ABSTRACT

This article aims to present a philosophical-literary analysis of the tale *O Avesso e o Direito*, by Albert Camus, showing the relation between the discover of the absurd and the aspiration for emptiness. Through the philosopher's main essays, *O mito de Sísifo* and *O homem revoltado*, we explicit the connection between the acceptance of the existential absurd – although not resigning to it – and the fact of living in a constant state of metaphysical revolt, which dethrones God and gives men the tools to create their own order. Basing on studies about Alain Robbe-Grillet and the ideas of Nouveau Roman and Theodor Adorno about the character in the modern novel, our objective is to present the human condition in Camus' view through the referred tale.

Key words: Albert Camus. Philosophy of the Absurd. Nouveau Roman.

INTRODUÇÃO

Uma das razões que pode levar alguém a desejar conhecer a obra de um escritor deve-se à maneira como este é capaz de transmutar sua vida e sua visão de mundo, suas experiências e sentimentos em palavras, signos ou símbolos. Uma obra literária tem sua própria voz e caberá ao leitor extrair sua essência, levando em consideração sua posição histórico-social. Através da mediação do texto, o homem tem a capacidade de conhecer a si próprio em sua historicidade. Uma preocupação ontológica que une o mundo do texto e o mundo do leitor e dá a este a responsabilidade por sua significação e simbologização.

Uma obra sempre será reescrita por cada época e sociedade que entre em contato com ela. Segundo Todorov (2009, p.20), a literatura “permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano”, porque, graças à escrita, o homem tem um mundo e não apenas uma conjuntura. Embora a nossa época seja marcada pelo barbarismo social do neoliberalismo, uma barbárie dentro do máximo civilizacional que acreditamos presenciar, também somos capazes de encontrar soluções para estes mesmos problemas humanísticos que geram injustiças e sofrimento.

Albert Camus foi um pensador revoltado, não só existencialmente, como também nos âmbitos político e social. Nascido em Mondovi, Argélia, a sete de novembro de 1913, viveu vida entre “a miséria e o sol”, como bem salientava. A ambivalência de seu pensamento pode ser encontrada na sua produção literária e filosófica: o absurdo e a revolta, o avesso e o direito, o exílio e o reino, a miséria e o sol. Toda uma alternância de sentimentos e emoções de amor e ódio, apego e desapego, entrega e renúncia, vida e morte, junção e separação em relação ao mundo.

Diante do exposto, temos por objetivo analisar um conto do escritor e filósofo Albert Camus, sob a ótica existencial, apresentando as ideias ambivalentes de absurdo da condição humana e a revolta metafísica que permeiam todas as obras do pensador. Traremos, para isso, os aportes de Robbe-Grillet sobre as características da corrente do Nouveau Roman, encontradas na obra de Camus, assim como a análise de Theodor Adorno sobre o narrador no romance moderno e de Antônio Cândido no que diz respeito à literatura e à sociedade.

Dessa forma, buscaremos mostrar como se concatenam os dois conceitos filosóficos trazidos pelo autor dentro de sua literatura. Camus é um escritor ambivalente, talvez obcecado pela problemática da conflituosa condição existencial do homem. A dimensão humana da obra camu-

siana, entre o drama da cisão do homem em face do mundo e, ao mesmo tempo, o desejo deste por uma união, o levam à reflexão e ao sofrimento. E quando toma consciência do que é e pelo que é constituído, depara-se com a contradição do ser e do nada, do absurdo da existência e de sua revolta contra a condição humana.

1 FILOSOFIA E LITERATURA COMO PACTÁRIAS E O ESTILO CAMUSIANO

A literatura, sendo um discurso vinculado às instituições que têm por objetivo preservá-lo, disseminá-lo e defendê-lo de outros tipos de discursos, não deve fugir de seu papel sócio-político, pois ao tentar se desvencilhar das comarcas que querem pôr a literatura ao seu favor, como salienta Eagleton (2001), termina se aliando às ideologias de um estado capitalista e utilitarista. A literatura está atrelada à ideologia do Estado e, o mais importante, à ideologia academicista dos teóricos e críticos literários que se advogam o direito de legislar literariamente.

Mas afinal, o que é literatura? Já considerada de escrita imaginativa e sem veracidade, a uma deformação da linguagem comum, o certo é que, como bem coloca Eagleton (2001), responder a essa questão seria no mínimo inútil e perigoso, pois não há um conjunto de características intrínsecas em tudo que já foi chamado de literatura que possa nos fornecer uma receita para identificarmos o que é ou deixa de ser um escrito literário.

Ficamos aqui com a definição de Cândido (2004) quando decide denominar de Literatura toda criação cujos aspectos poéticos, ficcionais e dramáticos de uma sociedade ou cultura, desde o que se denomina de tradições populares de sociedades orais e ágrafas até o mais complexo escrito produzido pela civilização mais avançada está em jogo. Sendo assim, a literatura seria como “o sonho acordado das civilizações” (CÂNDIDO, 2004, p.174-175), pois, segundo o autor, vista desta forma

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

A Literatura e a Filosofia estão intimamente ligadas, uma vez que toda obra literária traz em seu cerne um ponto de vista, um modo de ver o mundo expresso através de narradores, personagens ou pelo eu poético, na poesia; daí porque não podemos enclausurar esses campos de conhecimento distanciando-os. Embora seja uma tendência hodierna o interpretar textos literários à luz dos conceitos filosóficos, não se trata de um determinado campo do saber iluminar o outro ou mesmo encobri-lo ou absorvê-lo, pois a literatura, aqui, não faz o papel do reverso da filosofia.

A nosso ver, com a transmutação das estruturas na área do conhecimento, temos por alcance a efetuação de uma equipolência entre as duas, de modo que, tanto uma quanto a outra são produção e exposição de pensamento. Uma obra literária não exhibe apenas aspectos linguísticos, tais como forma, estilo ou ritmo, como o queriam os formalistas, mas também substância e conteúdo de pensamento, de modos de ver o mundo e tudo que nele existe e a dinâmica de movimento, tanto no sentido existencial e subjetivo quanto factual e objetivo.

Paul Ricoeur (1976, p.49) diz que, em uma obra, o que primeiro entendemos é um projeto, “o esboço de um novo modo de estar-no-mundo”, porque apenas a escrita, libertando-se não só de seu autor e de seu auditório primeiros, como também da estreiteza de uma situação dialógica, “revela este destino do discurso como projetando um mundo”. Os pontos de contato entre os discursos filosófico e literário só podem ser observados, portanto, naquilo que se mostra, ou seja, a linguagem.

Ricoeur concebeu o ato de interpretar como um fenômeno. O processo da interpretação é “a justificação última da exteriorização do discurso” (1976, p.54), pois a problemática da escrita se envolve um problema hermenêutico quando se refere ao seu oposto complementar: o ato da leitura. Para ele, surge uma dialética apropriação/distanciação, entendendo a primeira como uma autonomia semântica, que aparta o texto de seu autor; e a segunda, como um aspecto de luta entre a alteridade através da qual a compreensão visa a extensão do autoconhecimento.

Segundo ele, sendo a leitura um fenômeno social, sofre limitações específicas. Porém, é parte da significação de qualquer texto permanecer aberto a um número indefinido de leitores e, conseqüentemente, de interpretações. Sobre isso, Maingueneau (2006, p.73) diz que essa pluralidade das interpretações literárias deve-se ao fato de que, “por mais que os intérpretes se esforcem, está estabelecido que eles não poderão esgotar a hermeneia [interpretação]”. A contemplação da literatura resulta da satisfação em desvendá-la, o que só é ativado pelo sujeito que lê a partir do momento em que se identifica com o texto, pois, não estando a posição do autor ocupada ver-

dadeiramente, o texto “está fadado a interpretações” (MAINGUENEAU, 2006, p. 74). Dessa forma, o texto não deixaria o leitor intacto, nem coloca a subjetividade em xeque diante de sua problemática, que apresenta novas possibilidades de existir no mundo. A mudança na vida real é possível porque o texto perturba, questiona a realidade e apresenta outros universos possíveis. Nesse sentido, nas palavras de Ricoeur (1976, p.55).

A leitura é o *pharmakon*, o “remédio” pelo qual a significação do texto é “resgatada” do estranhamento da distanciação e posta numa nova proximidade, proximidade que suprime e preserva a distância cultural e inclui a alteridade na ipseidade.

Nesse contexto, podemos perceber que um dos temas de maior preocupação do escritor Albert Camus é o absurdo da condição existencial humana, a solidão do homem em meio ao abandono, ao exílio existencial, ao reino da morte e à consciência, única propriedade especificamente humana que permitiria ao homem abraçar o absurdo sem resignar-se a ele.

Camus, não só negou Deus, como se desinteressou pela ideia de uma divindade. Relegou ao humano (demasiado humano!) o papel principal de sua própria existência. O homem como sendo seu próprio e único escopo. Camus foi um pensador da existência e, podemos considerar também, de uma filosofia existencial, embora o próprio autor descartasse o epíteto de existencialista.

A filosofia existencialista se caracterizava por ser uma filosofia do humano, pontuada não por um pessimismo, mas como uma expressão da experiência humana, “una concepción singularmente dramática del destino del hombre” (MOUNIER, 1967, p.47) que “arroja al hombre frente a su desdicha” (MOUNIER, 1967, p.56) pues “hace precisamente de la nada la trama principal de la existencia” (MOUNIER, 1967, p.77)¹. A contingência da existência humana, o desamparo do homem em relação ao mundo que o cerca e a impotência da Razão em tentar dar um sentido a tudo que rodeia o homem/mulher, fala-nos de uma filosofia da existência especificamente humana.

A filosofia de Camus foi, como bem descrevia, a filosofia do absurdo, da irremediável inutilidade da busca humana por um sentido da vida. Via, pois, a literatura como um espelho crítico do homem e sua época, uma vez que a literatura deveria ser engajada, proclamando os assuntos do mundo e do tempo. Como bem salienta Sartre (2004), a literatura de uma época nada mais é do que uma época apropriada para a sua literatura. Sobre o papel do escritor, Jean-Paul Sartre (2004, p.238) nos diz que:

¹ In: HUERTA, Miguel Martínez. *Ética con los clásicos*. Plaza y Valdes, 2000.

Esta é a medida que propomos ao escritor: enquanto seus livros despertarem irritação, mal-estar, vergonha, ódio, amor, mesmo que nada mais seja que uma sombra, ele viverá. Depois disso, o dilúvio. Defendemos uma ética e uma arte do infinito.

Confessando-se um pessimista em relação à sorte humana, porém um otimista em relação ao homem, pois este é o único ser que “se recusa a ser o que é” (CAMUS, 2017, p.114), o autor nos traz no conto *O avesso e o direito*, que nomeia também o livro do qual faz parte, publicado em 1937, ideias que permearão posteriormente seus dois ensaios filosóficos, *O mito de Sísifo* e *O homem revoltado*, assim como também seus principais romances: *O Estrangeiro*, *A peste*, *A queda*, *A morte feliz* e *O primeiro homem*, este publicado postumamente.

O escritor retrata neste conto a duplicidade da consciência humana entre o “amor de viver” e o “desespero de viver”, o desejo pela existência e, ao mesmo tempo, a vontade de suprimi-la por sua total falta de sentido porque existe a morte. A solidão individual, o abandono, a ambivalência da existência, na qual o fim inexorável reduz tudo, cada ação humana, a um trabalho de Sísifo, traz ao humano um sentimento de estranhamento diante da existência, sentimento caro aos existencialistas. Porém, diferentemente para Camus, do outro lado brilharia “toda luz do mundo” (1999, p.54).

2 A CONDIÇÃO EXISTENCIAL HUMANA: CAMUS E O HOMEM E SEU ABSURDO

Na mitologia grega, Sísifo foi um homem condenado pelos deuses a rolar uma imensa pedra para cima de uma montanha, da qual rolava morro abaixo ao quase tocar o cume, nunca podendo, Sísifo, alcançar a sua meta e precisando, continuamente, reiniciar a sua missão sem nunca concluí-la. Para Camus, o trabalho árduo e inútil de Sísifo descreve a condição existencial humana: durante toda a nossa vida, entre o nosso primeiro influxo de ar e o último suspiro, nos propomos a fazer coisas sem sentido ou por um sentido que só existe subjetivamente.

Cada dia termina e outro se inicia, posteriormente, até a nossa morte. Deparamo-nos, assim, com a gratuidade de uma vida absurda e sem qualquer acepção, repleta de sentidos arbitrários aos quais nos prendemos para darmos uma logicidade, qualquer que seja, ao amontoado de bizarriças com as quais preenchemos o espaço entre o nosso nascer e morrer. Assim descreve Camus ao sentimento do absurdo existencial:

Continuamos a fazer os gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento. [...] Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. [...] Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário, é propriamente o sentimento do absurdo. (2017, p.21)

No texto em questão, temos em um primeiro plano um conto narrado por um narrador-personagem, que não se identifica, cuja despersonalização é uma característica do romance moderno, e que inicia a sua fala lembrando uma história que lhe contaram sobre uma senhora que se apaixonara pelo próprio túmulo. O conto é um gênero narrativo de extensão menor e por isso, até certo ponto limitada, se diferencia do romance não somente por sua estrutura, mas também por características próprias que lhe são inerentes.

Sendo o conto um recorte espaço-temporal pequeno, que visa a apresentar um instantâneo de um episódio singular que está sendo narrado ao invés de abarcar a totalidade do desenvolvimento da personagem, tem como objetivo revelar um instante, uma amostra do que está literariamente representado. De acordo com Soares (2007, p.55), quanto mais compacto, mais sugestiva será a abordagem do autor em selecionar, harmonizar e sincronizar os fatos relevantes a serem enfatizados, demonstrando apenas o que é realmente crucial.

No conto em questão, narrador-personagem inicia a sua fala recordando uma figura que supostamente conheceu no passado. Uma mulher solitária, já idosa e que se refugiara na religião por preocupar-se com a morte. Ao fim da vida, ganhara uma herança da irmã que falecera, no valor de cinco mil francos, os quais tratou de empregar em um túmulo que lhe abrigaria após a morte, pois acreditava encontrar-se próxima.

Por casualidade, se depara com um suntuoso jazigo, “de linhas sóbrias e mármore negro” (CAMUS, 1999 p.104), cuja concessão havia expirado, no cemitério da cidade onde morava, e que lhe deixavam pela quantia de quatro mil francos. Mandou, pois, arrumar a sepultura a fim de que esta estivesse pronta para receber o seu corpo, mandou gravar em letras douradas, todo em maiúsculo, o seu próprio nome.

Tomou-se, então, de uma paixão pelo túmulo. Inicialmente, apenas ia visitar as obras da reparação, mas terminou por transformar as visitas em uma peregrinação, todos os domingos à tarde, à sepultura. Tornou-se a sua única distração.

A preocupação com a morte é um dos temas mais abordados na escrita camusiana, expondo o problema da angústia, do desamparo, da solidão e do desespero como próprios da condição especificamente humana. Há uma ambivalência no universo camusiano: ao mesmo tempo em que há o amor pela vida, há também um pendor para o vazio, uma ligação estreita entre a consciência da morte e a aspiração ao nada. No conto, essa contradição fica explícita na seguinte passagem:

Assim é que, colocada na presença de si própria, confrontando o que ela era e o que devia ser, redescobriu o elo de uma cadeia sempre rompida, penetrou, sem esforço, nos desígnios secretos da providência. Por um símbolo singular, um dia chegou até a entender que estava morta aos olhos do mundo. No Dia de Todos os Santos, tendo chegado mais tarde que de hábito, encontrou a soleira da porta piedosamente atapetada de violetas. Por uma delicada atenção, estranhos, compadecidos diante desse túmulo abandonado sem flores, haviam compartilhado as suas e honrado a memória desse morto entregue a si mesmo. (1999, p.105)

Para Camus, a Razão torna-se impotente diante da necessidade humana por uma explicação absoluta da existência. As incertezas humanas e os questionamentos não poderiam ser resolvidos mediante o uso da ratio e, conseqüentemente, os homens não conseguiriam alcançar a felicidade ao se depararem com o absurdo existencial. O sentimento do absurdo surge mediante o conflito humano e o silêncio do mundo que o cerca, do qual o homem espera as respostas que anseia, porém sem receber qualquer retorno. Sobre a gratuidade das ações humanas, Camus escreve:

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. (2017, p.27)

O absurdo é inexprimível e inenarrável, pois uma vez existindo alguma lógica que pudesse explicá-lo, por meio da qual pudéssemos compreendê-lo, deixaria de ser absurdo. Para Camus, o absurdo é uma experiência vivida pelo humano em seu dia-a-dia, cotidianamente, até a morte. O homem é um ser histórico e o tempo transforma-se em um inimigo. A dicotomia surge exatamente quando planejamos o amanhã ou encontramos a morte. Sobre isto, Camus nos diz que:

Da mesma maneira, e em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos de levá-lo. Vivemos no futuro: “amanhã”, “mais tarde”, “quando você conseguir uma posição”, “com o tempo vai entender”. Estas conseqüências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer. Chega o dia em que o homem constata ou diz que tem trinta anos. Afirma assim a sua juventude. Mas, no mesmo movimento, situa-se em relação ao tempo. Ocupa nele o seu lugar. Reconhece que está num certo momento de uma curva que, admite, precisa percorrer. Pertence ao tempo e reconhece seu pior inimigo nesse horror que o invade. O amanhã, ele ansiava o amanhã, quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo. (2017, p.27-28)

O ser humano deseja estabilidade e um mundo familiar, entretanto está sempre em face de questionamentos sobre a própria existência. As incertezas que o perturbam significa que o homem encontrou-se com o absurdo. O homem ainda busca razões que justifiquem a existência e a finitude, porque, para ele, a morte torna todas as ações inúteis e sem sentido. A ilusão da imortalidade é a maior de todas as utopias que o homem pode ter. Viver como se não fosse morrer ou postergar a ideia da morte faz com que o homem viva apartado de si e do mundo.

3 O AVESSE E O DIREITO: A EXISTÊNCIA COMO EXÍLIO

Theodor Adorno (2003) afirma que a posição do narrador é um dos principais pontos de paradoxo na escrita moderna. O realismo imanente do romance tradicional torna-se questionável diante das experiências da “Era dos extremos”, como ficou conhecido o “breve século XX” (HOBSBAWN, 2008). A narrativa sofre uma significativa modificação em sua concepção e isso deveu-se, segundo Brait (1985, p.39), à violenta “reação contra o factualismo das indagações biográficas e das pesquisas de fontes”. A escrita torna-se subjetiva, o fluxo de pensamento da personagem volve-se para o primeiro plano e a descrição do cenário, sob a ótica da personagem, do homem em face do mundo, é um dos principais aspectos do *Nouveau Roman*². Quanto à personagem, na literatura existencialista, Adorno, ao analisar a obra de Marcel Proust, nos diz que:

O narrador parece fundar um espaço interior que lhe poupa o passo em falso no mundo estranho, um passo que se manifestaria na falsidade do tom de quem age como se a estranheza do mundo lhe fosse familiar. Imperceptivelmente, ao mundo puxado para esse espaço interior atribuiu-se à técnica o nome de *monologue intérieur* – e qualquer coisa que se desenrole no exterior é apresentada da mesma maneira como, na primeira página, Proust descreve o instante do adormecer como um pedaço do mundo interior, um momento do fluxo de consciência, protegido da refutação pela ordem espaciotemporal objetiva, que a obra proustiana mobiliza-se para suspender. (2003, p.59)

Na chamada Literatura do Absurdo, o desencadeamento do mundo apresenta-se como uma transcendência. A consciência absurda floresce como uma complexa força e, para os existencialistas, pressiona o homem de todos os lados como uma necessidade imperiosa e possivelmente fundamentada ontologicamente. No conto em questão, o fluxo subjetivo do narrador-personagem na descrição dos cenários e do turbilhão de sensações interiores que lhe causam esse espetáculo da existência ficam evidenciados na seguinte passagem:

2 Movimento literário francês que buscou reduzir a inserção psicológica no romance e ampliar a presença do cotidiano objetivo que, em última instância, revela, através dos costumes sociais e comportamentos individuais ger. aleatórios, as pessoas e sua relação com o mundo.

E eis que retomo estas coisas. Este jardim do outro lado da janela, dele só vejo os muros. E essas poucas folhagens em que desliza a luz. Mais acima são, ainda, folhagens. Mais acima, está o sol. Mas, de todo esse júbilo do ar que se sente do lado de fora, de toda essa alegria derramada sobre o mundo, só vejo sombras da ramagem que brincam em minhas cortinas brancas. Cinco raios de sol também espargem pacientemente pelo quarto um perfume de ervas secas. Uma brisa, e as sombras animam-se na cortina. Uma nuvem encobre e, depois, torna a encobrir o sol, e da sombra emerge o amarelo reluzente desse jarro de mimosas. Isto basta: um único brilho nascente, e eis que encho de uma alegria confusa e atordoante. É uma tarde de janeiro, que me põe, assim, diante do avesso do mundo. (CAMUS, 1999, p.105-106)

Enquanto o foco do romance realista estava no enredo, na ação, na narrativa, nas ideias da personagem, uma das principais características do *Nouveau Roman* é o foco narrativo em cima dos objetos, das pessoas, do mundo, uma visão individual, subjetiva da personagem diante do universo que a cerca, submetendo a trama e a personagem às particularidades do mundo ao invés de construir e apresentar o mundo como estando ao serviço da personagem, um mundo-cenário no qual a personagem seria apenas mais uma das partes. Tanto a história quanto os personagens estão sempre a ponto de se realizarem, haja vista que essa corrente estética já não narra uma história com cujo enredo o leitor se envolve, mas faz com que o leitor seja partícipe ativo da construção narrativa. Como muito bem salienta Fontanati (2015, p. 104), o teor de dramaticidade do romance tradicional que “conduz progressivamente ao ápice da revelação” {cede espaço a um} “tempo morto, branco, circular e marcado, notadamente, pelas abruptas repetições”, que desnorream o leitor desavisado para este estilo de narrativa lacunoso e omissivo.

No mundo do *Nouveau Roman* existe um homem, um indivíduo, com sua subjetividade, em face do mundo que descobre e experimenta e cujas sensações descreve. Sobre o *Nouveau Roman*, Robbe-Grillet (1969, p.8) assim define:

Se em muitas páginas emprego conscientemente o termo Novo Romance, não o faço com o intuito de designar uma escola, nem mesmo um grupo definido e constituído por escritores que trabalhariam num mesmo sentido; trata-se apenas de um rótulo cômodo que engloba todos aqueles que procuram novas formas de romance, capazes de exprimir (ou de criar) novas relações entre o homem e o mundo, todos aqueles que se decidiram a inventar o romance, isto é, a inventar o homem.

A reflexão toma lugar acima e além do enredo através da caracterização psicológica da personagem. Não há personagem definido com começo, meio e fim. Há, pelo contrário, a introspecção da personagem, despersonalizando a escrita. No conto analisado, encontramos esta evidência mais bem explicitada no seguinte trecho:

Quem sou eu e que posso fazer, a não ser entrar no jogo das folhagens e da luz? Ser este raio em que meu cigarro se consome, esta suavidade e esta paixão discreta que respira no ar. Se tento chegar a

mim, é bem no fundo desta luz. E, se tento compreender e saborear esse delicado gosto que o segredo do mundo confia, é a mim mesmo que encontro no fundo do universo. Eu mesmo, quero dizer, essa extrema emoção que me liberta do cenário. Há pouco, outras coisas, os homens e os túmulos que compram. Mas deixem-me recortar este minuto no tecido do tempo. (1999, p.106)

O século XX fez o homem pisar em falso, como se atravessasse um pântano lodoso de águas turvas e do qual não conseguia emergir. O momento de convulsão política e violência extrema dos períodos de guerras e entre-guerras, segundo Adorno (2003, p.56), fez com que o romance realista perdesse suas funções para os meios da indústria cultural, pois se desintegrara “a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua”. Isso é um fato, pois em um século em que as catástrofes do capitalismo e do liberalismo imperavam, seria impossível para alguém que vivenciara a guerra narrar tal experiência como antes narrara aventuras. Esses aspectos remetem ao pensamento de Karl Schollhammer (2011, p. 10), sobre a ficção contemporânea, embora o autor faça um apanhado analisando as narrativas brasileiras contemporâneas, a ideia condiz com o exposto, quando ele observa que “o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual em seu presente”. Dessa forma, a única alternativa, em uma época cujas ideias de fraternidade, de altruísmo, de evolução científica e social despencavam vertiginosamente, só restou ao homem fragmentar-se, individualizar-se e voltar-se para dentro. Em *O avesso e o direito*, Camus exemplifica essa angústia, que caracteriza o mal-estar da experiência moderna, no trecho abaixo:

A vida é curta e é pecado perder tempo. Sou ativo, segundo dizem. Mas ser ativo é, ainda, perder tempo, na medida em que nos perdemos. Hoje é uma parada e meu coração parte ao encontro de si mesmo. Se uma angústia ainda me oprime, é por sentir esse impalpável instante escorrer por entre meus dedos, como as partículas do mercúrio. Deixem, pois, aqueles que querem dar as costas ao mundo. Não me queixo porque me vejo nascer. Neste momento, todo o meu reino é deste mundo. (1999, p.107)

Despojado de uma ordem social-política ou conceito metafísico que o limitasse em suas ações, que desse ao homem uma dimensão para a sua existência, o indivíduo tornou-se apto aos mais absurdos e bizarros comportamentos. Estava decretada a morte de Deus, como bem afirmara Nietzsche, ainda no século XIX, mas prevendo já a era de niilismo e a derrocada dos valores tradicionais que eram o sustentáculo da sociedade moderna, como bem salienta Volpi (1999). O niilismo seria a total falta de sentido, o sentimento do absurdo que emana quando desaparece as respostas tradicionais aos questionamentos da existência, do mundo, do ser. Sobre isso, Nietzsche assim nos fala:

Descrevo o que virá: a chegada do niilismo. O homem moderno crê experimentalmente ora num ora noutra valor, para depois esquecê-lo. Cresce sempre mais o círculo dos valores superados e esquecidos. Percebe-se sempre mais o vazio e a pobreza de valores. É um movimento incessante, apesar de todas as grandes tentativas para detê-lo. No máximo, o homem ousa uma crítica genérica aos valores. Reconhece sua origem. Conhece demais para não crer mais em valor algum. Esse é o pathos, o novo frêmito. Essa é a história dos dois próximos séculos. (2010, VIII, II, p.266)

Enquanto o século XIX, com suas certezas científicas e suas bases muito bem solidificadas nos valores concebidos e impostos na sociedade, vivendo o apogeu do liberalismo e do individualismo, o homem do século XX encontra-se desamparado e descentrado, numa crise de sentido. Não há uma figura humana central, a personagem encontra-se espelhada em toda a sociedade que se descobre insegura sobre si mesma, uma vez que perdera a figura divina do deus todo-poderoso. Não há mais, como aponta Lukács (2007), o lugar de conformismo e convenções sociais no qual o herói romântico se sobressaía. O culto ao humano perdeu espaço para uma visão mais ampla e coletivista, não há mais herói ou anti-herói porque a sociedade que sustentava essa visão dicotômica antrópica se extinguiu.

A existência tornou-se um exílio, na qual o homem se encontra não mais no mundo, mas em face deste, perdido, diante do absurdo e da gratuidade das ações humanas, sem respostas que lhe possam orientar, sem concepções metafísicas ou ilusões científicas que lhe silencie os anseios. A existência tornou-se perigosa, ambivalente e angustiante. Um tormento para o qual só resta três saídas: a esperança, o suicídio e a aceitação do absurdo.

Para Camus, a esperança, vislumbrada como saída através da religião, não seria uma opção honesta, pois esta, nada mais é do que a forma mais fácil de se tentar fugir do absurdo existencial, encontrando um sentido que, verdadeiramente, não está em lugar algum e seria totalmente desprovido de sentido. O suicídio tampouco seria satisfatório, pois tirar a própria vida seria recair no absurdo e não resolveria o problema. Para Camus, devemos aceitar o absurdo, mas não nos resignarmos a ele. Aceitá-lo e viver a vida porque é o que deve ser feito, sem buscarmos um sentido para ela, pois qualquer especulação sobre o assunto tenderia ao fracasso.

Há em Camus um ceticismo em torno dos princípios da existência, o individualismo desaparece na contingência, na pluralidade, na finitude, uma vez que não há absoluto, salvação ou tranquilidade espiritual. O absurdo camusiano significa o que é humanamente impossível e é o resultado do convívio humano no mundo. Nesse sentido, estando o humano exilado existencialmente, cujo seu verdadeiro reino seria a morte, devemos permanecer conscientes, vivendo em

estado constante de revolta. No conto, temos na seguinte passagem um exemplo claro da revolta camusiana diante do exílio humano na existência:

Posso dizer, e vou dizê-lo daqui a pouco, que o que conta é ser humano e simples. Não, o que conta é ser verdadeiro, e, então, tudo se inscreve nisso, a humanidade e a simplicidade. E, então, quando sou mais verdadeiro do que quando sou o mundo? Sou presenteado antes de ter desejado. A eternidade está ali, e eu esperava por ela. Agora, não desejo mais ser feliz, e sim apenas estar consciente. Um homem contempla e o outro cava seu túmulo: como separá-los? Os homens e seu absurdo? [...] Sou ligado ao mundo por todos os meus gestos; aos homens, por toda a minha piedade e o meu reconhecimento. Entre este lugar e o avesso do mundo, não quero escolher, não gosto que se escolha. As pessoas não querem que seja lúcido e irônico. Dizem: “Isso mostra que você não é bom”. Não vejo a ligação. É claro, se ousar dizer a alguém que é imoralista, traduzo que ele tem a necessidade de atribuir-se uma moral; o outro, que despreza a inteligência, compreendo que não consegue suportar suas dúvidas. Mas isto porque não gosto que trapaceie. A grande coragem é, ainda, a de manter os olhos abertos, tanto sobre a luz quanto sobre a morte. De resto, como explicar o elo que leva deste amor devorador pela vida a esse desespero secreto. Se escuto a ironia, escondida no fundo das coisas, ela se descobre lentamente. E, piscando o olho pequeno e claro: “Viva como se...”, diz ela. Apesar de muitas pesquisas, está aí toda a minha ciência. (1999, p.108-109)

Uma obra literária nos dá a oportunidade de conhecermos um mundo no qual humanos, que se encontram imbrincados em uma rede de valores sociais e culturais e que possuem suas atitudes pautadas por esses valores, mesmo quando afirmam a liberdade de escolha, escolhem dentro de um âmbito limitado que é a construção subjetiva dentro de uma realidade política, econômica, social, cultural, religiosa, etc. Aspectos que convergem com as palavras de Schollhammer (2011, p. 122), ao dizer que “simultaneamente, essa procura é a procura do homem por seu duplo, um outro avesso em sua encarnação concreta” e que se revela nas obras contemporâneas.

Como salienta Cândido (2007), muitas vezes a personagem se vê diante da escolha em face desses mesmos valores, colidindo com eles, entremeando-se em conflitos e enfrentando situações extremas nas quais abre-se os aspectos dos questionamentos próprios do homem. É justamente esses aspectos, como fala Cândido (2007, p.35-36) que

[...] muitas vezes de ordem metafísica, incomunicáveis em toda a sua plenitude através do conceito, revelam-se, como num momento de iluminação, na plena concreção do ser humano individual. São momentos supremos, à sua maneira perfeitos, que a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de um modo tão nítido e coerente, nem de forma tão transparente e seletiva que possamos perceber as motivações mais íntimas, os conflitos e crises mais recônditos na sua concatenação e no seu desenvolvimento. O próprio cotidiano, quando se torna bem de ficção, adquire outra relevância e condensa-se na situação-limite do tédio, da angústia e da náusea.

O sentimento de revolta metafísica que será explicitada por Camus posteriormente, no ensaio

O homem revoltado, traduz a ideia, pela negativa, de se dizer *sim*. Ao dizer não ao absurdo, o homem diz sim a si mesmo, pois a revolta não ocorre sem está entrelaçada ao sentimento de que se tem razão, demonstrando que o homem traz em si algo pelo qual vale a pena, contrapondo-se ao sentimento do absurdo que o oprime de todos os lados. Sobre isso, Camus escreve:

Ao mesmo tempo que existe repulsa em relação ao intruso, há em toda revolta uma adesão integral e instantânea do homem a uma certa parte de si mesmo. [...] O revoltado, no sentido etimológico, é alguém que se rebela. Caminhava sob o chicote do senhor, agora o enfrenta. Contrapõe o que é preferível ao que não é. Nem todo valor acarreta a revolta, mas todo movimento de revolta invoca tacitamente um valor. Trata-se realmente de um valor? Por mais confusa que seja, uma tomada de consciência nasce do movimento de revolta: a percepção, subitamente reveladora, de que há no homem algo com o qual pode identificar-se, mesmo que só por algum tempo. (2017, p.24)

Portanto, para Camus, devemos aceitar e permanecer no absurdo da existência, vivê-la intensamente, dando a cada ação, a mais corriqueira, o peso da efemeridade. Viver em um constante estado de revolta, no qual percebemos algo inerente a nós e a toda a humanidade, insurgindo-nos por todos os seres quando julgamos que, em face do sentimento do absurdo, algo em nós é negado, algo que não seria somente nosso, mas está presente em todo o gênero humano. Sobre o estado de revolta metafísica, Camus diz que:

Da mesma forma, se o revoltado metafísico volta-se contra um poder, cuja existência simultaneamente afirma, ele só reconhece essa existência no próprio instante em que a contesta. Arrasta então esse ser superior para a mesma aventura humilhante do homem, com o seu vão poder equivalendo à nossa vã condição. Submete-o à nossa força de recusa, inclina-o, integra-o à força em uma existência para nós absurda, retirando-o, enfim, de seu refúgio intemporal para engajá-lo na história, muito longe de uma estabilidade eterna que só poderia encontrar no consentimento unânime dos homens. A revolta afirma desse modo que no seu nível qualquer existência superior é, pelo menos, contraditória. (2017, p.39)

Dessa forma, é possível dizer que devemos nos opor à nossa condição humana, recusando-nos a aprovar a nossa circunstância de criaturas absurdas cujo único futuro é a sepultura, reconhecendo em cada um de nós um sentimento em comum face ao absurdo existencial. É justamente este estado de revolta individual, onde todos existem, que permitiria pensar o Sísifo feliz.

Assim, a dualidade é um fator essencialmente humano que vem à tona de forma mais acentuada na literatura atual, talvez pela liberdade de expressão e liberação do pensamento que remete ao pensamento nietzschiano de ‘contemporâneo intempestivo’. O texto analisado de Camus traz essas questões de forma convulsiva, impulsiva e reflexiva, ao colocar o homem diante de uma morte que pode estar na própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De Sísifo a Prometeu, o pensamento de Albert Camus concatenar-se-ia em algum ponto entre estes dois polos extremos: o individualismo exacerbado imerso em sua angústia egoística que culmina em suicídio e a revolta metafísica que, pela negativa, responde afirmativamente à existência, sem negar o absurdo, porém não se resignando a ele.

Diante do exposto, é possível compreender que, com uma escrita seca, crua e realista, pautada pelas características do Nouveau Roman, estilo de romance vanguardista que emerge por volta da metade do século XX, na França, com seu tom desnorteante pautado pelo descritivismo extremado que desconcerta o leitor, o que levou Jean-Paul Sartre a denomina-lo de “antirromance”, em 1947, Camus nos oferece um olhar sintético e preciso sobre a condição existencial humana, a árdua e inútil tarefa de buscarmos um sentido para a vida e o sentimento do encontro com o Absurdo, diante do vazio existencial, em face de um mundo contemporâneo desprovido de qualquer logicidade.

Defronte da existência, entre o conflito do humano desiludido que busca, através da razão, dar um significado à sua própria condição existencial e um mundo destituído de qualquer sentido objetivo e factual, Camus nos diz que, em nossa condição humana, estamos sempre em um contínuo processo de conscientização, uma vez que a nossa própria existência é uma construção ideológica, sendo a consciência um fato objetivo e uma força social intensa. A consciência não está acima do ser, mas é ela mesma parte do ser, com uma existência real e representando um papel fundamental no desdobramento existencial do ser especificamente humano.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Posições do narrador no romance contemporâneo. In: _____. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Ed. 34, 2003.

CÂNDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. pp. 169-191.

CAMUS, Albert. **O Avesso e o Direito**. Tradução de Valerie Rumjanek. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **O Homem Revoltado**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

_____. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 8. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

FONTANARI, Rodrigo. **Por um Nouveau Cinéma**: Alain Robbe-Grillet em O Ano Passado em Marienbad. Ver. Let., São Paulo, v.55, n.1, pp.103-115, jan./jun. 2015.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Extremos – O breve século XX**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

HUERTA, Miguel Martínez. **Ética con los clásicos**. Mexico, D.F: Plaza y Valdés, 2000.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Ed. 34, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

RICOEUR, Paul. **A teoria da interpretação – o discurso e o excesso de significação**. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976.

ROBBE-GRILLET. **Por um novo romance**. Tradução de T. C. Netto. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a Literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SCHOLLHAMMER, Karl, Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VOLPI, Franco. **O Niilismo**. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999.